

ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

RENATA NUNES PEREIRA

**MYTHOPOIESIS: A CRIAÇÃO DE UMA MITOLOGIA PESSOAL**

Porto Alegre  
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

RENATA NUNES PEREIRA

**MYTHOPOIESIS**

**A CRIAÇÃO DE UMA MITOLOGIA PESSOAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

**Orientador: Moema Pereira Vilela**

Porto Alegre

2023

RENATA NUNES PEREIRA

**MYTHOPOIESIS**  
A CRIAÇÃO DE UMA MITOLOGIA PESSOAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Moema Pereira Vilela

---

Janaína Baladão

---

Altair Martins

Porto Alegre

2023

Dedico este trabalho a todos os deuses  
que inventei para me sentir menos sozinha.

“Ora, a operação poética é uma atividade mágica ou religiosa? (...) A poesia é irreduzível a qualquer outra experiência. E é claro que a poesia, como um fruto já amadurecido como um poema, não é religião nem magia. Mas o espírito que a expressa, os meios de que se vale e a raiz instintiva que está na sua origem podem muito bem ser mágicos ou religiosos”  
(PAZ, 2017, p. 18).

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de esmiuçar parte do processo de escrever uma mitologia pessoal de forma artística, com base no conceito de Mitologia Criativa de Joseph Campbell. Analisando as canções do álbum *Mythopoiesis*, livro/álbum criado como parte criativa deste trabalho de conclusão de curso, o ensaio pessoal também funciona como guia de leitura e escuta para a obra que o acompanha, desenvolvendo a genealogia das ideias contidas nos poemas.

**Palavras-chave:** mitologia criativa; poesia; escrita criativa; música; álbum; colagem.

## ABSTRACT

This essay intends to elaborate on the artistic process of writing a personal mythology, based on the concept of Creative Mythology by Joseph Campbell. While analyzing the songs of the album *Mythopoiesis*, book/album made as the creative part of this work, the personal essay also works as a guide to better understand the poems, clarifying the genealogy of ideas behind the verses.

**Keywords:** creative mythology; poetry; creative writing; album; music; collage.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1 - Capa do Livro de Urizen, William Blake, 1794</b>	<b>23</b>
<b>Imagem 2 - Página 1 do Livro de Urizen, William Blake, 1794</b>	<b>23</b>
<b>Imagem 3 - Hilma af Klint, Sem título #1, 1915</b>	<b>24</b>
<b>Imagem 4 - Hilma af Klint, Grupo X, No. 2, Altarpiece, 1915</b>	<b>24</b>
<b>Imagem 5 - Melancolia, William Blake, 1820</b>	<b>25</b>

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS/PREFÁCIO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 MYTHOPOIESIS: UM ENSAIO PESSOAL .....</b>	<b>14</b>
2.1 Gênesis.....	15
2.2 Poiesis.....	16
2.3 Eros .....	18
2.4 Zoé .....	19
2.5 Hystera .....	20
2.6 Concepção das canções .....	22
2.7 Referências mitopoéticas .....	23
<b>3 MYTHOPOIESIS: ÁLBUM/LIVRO.....</b>	<b>25</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS/POSFÁCIO .....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>62</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema deste trabalho de conclusão de curso surgiu no meu campo de visão muito antes de conhecer o conceito que o designa. A ideia de *Mitologia Criativa*, a arte de manter a roupagem dos mitos mutante, viva, rodopiando no colo do tempo – é uma ferramenta que sempre esteve, de uma forma ou outra, dentro da minha bagagem imaginativa.

A maioria das crianças se aventura em tais tipos de empreendimento – a fabulação de “universos”, sejam eles fantásticos ou apenas dimensões paralelas da realidade conhecida. Eu não fui exceção à essa regra. Os ditames da regra, no entanto, impõem um limite etário para tais devaneios, estabelecendo uma data de validade onde, depois de sua expiração, a fantasia é relegada a um espaço de desajuste, e em alguns casos, até mesmo de patologia.

Nesse caso, transgredi a cerca, talvez pelo excesso de traumas e inquietações psicológicas (que geraram uma necessidade de escape) e mantive ao longo da vida essa ânsia de trocar a ficção pela qual eu vivo de tempos em tempos, uma atitude de sobrevivência tão vital quanto àquela dos animais que trocam de pele ao longo das estações.

Gosto da ideia de inventar a minha vida (ou, inventar o mundo)– num gênero que beira à autoficção ao passo que a rejeita – porque quem cria o mito o venera com devoção religiosa. Assim, a intenção é de buscar a verdade numa fantasia metafísica, talvez porque a verdade crua seja inefável e não possa ser apreendida pelos sentidos sem a experiência de avalanche e talvez, morte? Dentro dessa ideia, Joseph Campbell comenta:

Heinrich Zimmer, meu antigo mentor, tinha um lema: as primeiras coisas mais importantes não podem ser ditas – são verdades inefáveis, transcendentais. O segundo tipo é mal-entendido: são os mitos, tentativas metafóricas de apontar o caminho das primeiras. E o terceiro tipo de melhores coisas está ligado à história, à ciência, às biografias etc. A única fala passível de ser entendida é essa última. (CAMPBELL, 2008, p. 27).

Dentro dessa ideia, os mitos se encontram no limbo entre a linguagem e o mistério inominável, como uma ponte entre a humanidade e a Experiência de Deus – seja lá o que isso signifique. Por sua natureza simbólica, e de certa forma, onírica, vivemos os mitos sem a necessidade de compreendê-los por inteiro. Esse trabalho é uma tentativa de entrar nas segundas coisas, elucubrando em linguagem aquilo que sinto agora ser a *minha* Verdade, ainda que saiba que – provavelmente em breve – já poderia embarcar numa nova odisseia nascida dos ossos queimados e cinzas dessa mesma jornada que trilho agora.

## 2 MYTHOPOIESIS: UM ENSAIO PESSOAL

### INTRODUÇÃO

Este ensaio, de cunho reflexivo e pessoal, é uma tentativa de construir uma *mythopoeia*<sup>1</sup>, ou seja, um aglomerado de narrativas míticas que formam um corpus de sentido simbólico e espiritual.

Em paralelo com a elaboração criativa que o acompanha (*Mythopoesis*), o projeto caminha pelo anseio de forjar uma apoteose artística, ocupando um papel de divindade criadora de uma cosmologia particular. Apesar de que, à primeira vista, pareça uma ambição grandiosa, é possível argumentar que não há nada mais natural do que o ato de fabular mitos, sendo uma prática tão enraizada na nossa psique ancestral que a parte estranha da equação é que tantos de nós tenhamos perdido o contato com a linguagem e a imaginação mítica nos dias de hoje.

Segundo Nancy Huston, “Somos incapazes, nós humanos, de não buscar Sentido” (HUSTON, 2010, p.53). É impossível conceber o mundo sem significá-lo, considerando que, mesmo aquilo que é captado pelos sentidos é uma elaboração cerebral de estímulos, que aliada com os processos narrativos da mente, se torna uma amálgama de ficções, sentimentos e sensações. A diferença é que, ao adentrar de olhos abertos na selva da mitologia criativa, caminhamos plantando sementes e não apenas herdando o que a floresta do passado nos provém.

Para dispor de um ego, precisamos aprender a fabular. Depois, comodamente, esquecemos disso, mas foi preciso tempo e muita ajuda para nos tornarmos alguém. Foi preciso camadas e camadas de impressões compiladas em histórias. Canções. Contos de fadas. Exclamações. Gestos. Regras. Socialização. Limpo. Sujo. Não diga isso. Não faça aquilo. Big, bang, bong (HUSTON, 2010, p. 23).

Assim como na história de fundação de um Eu ou de um Mundo, o ensaio irá percorrer a construção gradual de camadas por cima de uma semente, tecendo narrativas metafísicas em linguagem mítica enquanto a autocriação-autoficção se desenvolve em conjunto com a poética do livro/álbum *Mythopoesis*. Os capítulos serão divididos da mesma forma que o livro, se utilizando de palavras gregas que marcam pontos-chave da trajetória.

---

<sup>1</sup> “A criação de mitos, tanto coletivamente no folclore e religião de uma certa cultura (geralmente pré-literária), quanto individualmente por um escritor que elabora um sistema pessoal de princípios espirituais como nos escritos de William Blake. O conceito é frequentemente utilizado num sentido amplo para descrever qualquer tipo de escrita que cria em cima de antigos mitos ou se assemelha a mitos em suas temáticas e escopos imaginativos” (MYTHOPOEIA, 2023).

Cada parte do trabalho criativo será composta de uma canção, um poema e um micro-ensaio sobre a experiência em questão. Além do conteúdo de cunho alegórico e de inspiração hermética, a linguagem e o vocabulário foram escolhidos para cimentar a construção da narrativa com uma atmosfera épica e mitológica, na tentativa de fazer o leitor viajar no tempo – como se ouvisse um aedo contar a *Ilíada* na antiguidade grega ou um bardo cantar a lenda das invasões da Irlanda durante a idade média.

O primeiro capítulo da parte I, *Gênesis*, caminha ao longo de uma semente que brota do vazio da não-consciência para o céu da existência senciente. O capítulo dois, *Poesis*, acompanha o mundo que se descobre aos poucos enquanto nasce. O capítulo três, *Eros*, narra o encontro do amor – como força motriz no centro de cada coisa. O capítulo quatro, *Zoé*, é a chegada da primavera da vida, paradoxal em todo o seu esplendor de vida e morte, de alegria e dor. O capítulo cinco, *Hystera*, é o útero de fim e início, onde a roda segue girando ao engolir a própria cauda.

A parte dois do ensaio elabora em cima do conceito de mitologia criativa, refletindo sobre o papel da arte na criação de mitos, e assim, brevemente analisa dois exemplos de artistas que cruzaram essa travessia e o processo pessoal de empreendê-la dentro das modalidades expressivas escolhidas (literatura, música e colagem).

## PARTE I: I - GÊNESIS

A atitude psicológica diante do sagrado se cristaliza em uma súplica, na oração, e sua mais intensa e profunda manifestação culmina no êxtase místico: no entregar-se absoluto e confundir-se com Deus. Ora, o poeta lírico estabelece um diálogo com o mundo; nesse diálogo há duas situações extremas dentro das quais move-se a alma do poeta: uma, de solidão; outra, de comunhão. O poeta parte da solidão, movido pelo desejo, na direção da comunhão (PAZ, 2017, p.18).

Antes de parir qualquer som, é preciso que se encontre um silêncio tão profundo que suas raízes toquem a lava no núcleo da Terra. Só então, com as pontas dos pés em chamas, poderia declamar aos céus o que foi visto no submundo para que o vento carregue às quatro direções. O objetivo desta primeira parte é justamente buscar nesse abismo um corpo mitológico que encarne as ideias pescadas no vazio. Tudo se principia no vazio. Na semente primeva de *tudo* ou *nada* que antecede o tempo, assim como em seus frutos que sobrevivem à criação.

Em mitos variados ao redor do mundo, a luz muitas vezes nasce do caos nebuloso que é o tempo antes do tempo, o espaço antes do espaço, como diz Hesíodo na *Teogonia*:

“Certamente, muito antes de tudo existia Caos” (HESÍODO, 2017, p. 30). Assim me encontro, neste início de processo, nadando no plasma originário do meu próprio cosmos, buscando ingredientes para escrever o big-bang de um universo. E para quê, sedimentar de forma mítica algo que, sem palavras, é apenas uma amálgama de experiência e mistério? Porque sem esse esforço, de forjar mitos que sejam vivos – na pulsação entre o futuro e o passado, caminhamos pelo mundo de olhos vendados, sem uma mão que nos puxe adiante, como diz Joseph Campbell: “Para quem não tem uma mitologia, o mundo é assim – um labirinto. Essas pessoas tentam abrir o caminho à força, como se ninguém tivesse passado por ali antes” (CAMPBELL, 2008, p. 18). Boiando nessa fonte – tanto ancestral quanto criativa, me agarro à poesia para nutrir o fogo de futuras explosões, colocando a devoção na *palavra – recitada e cantada*, como em João 1:1 – “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”.

Desse jeito, começo: “*primeiro o vazio/ depois a canção/ que fez crescer um corpo/ no esqueleto da promessa*”. Antes mesmo de entoar o canto, o mundo e o eu são criados num poema declamado, uma voz que antecede o princípio musical na harmonia de uma escala maior. Junto dos acordes e da melodia, o mito vai ganhando forma ao passo que nutre a carne da história com o próprio sangue do poeta. E segue: “*um ponto que pariu o infinito/ numa nota musical/ apenas um ponto/ reverberado*”, e é nesses primeiros versos que se estabelece a existência como um fenômeno sonoro e musical, assim como na gênese de Silmarillion, de J.R.R. Tolkien, em que Eru Ilúvatar, o criador do mundo, propõe um tema para que seus anjos cantem a criação de todas as coisas, canção que se prolonga enquanto houver um universo consciente para escutá-la. A melodia então segue com: “*carregado pelos passarinhos/ em melodia/ a fábula cujo rolo/ não deixa de se desenrolar*”, introduzindo o som mitopoético dentro da esfera natural – criada pela própria canção, presente no microcosmo dos passarinhos e das criaturas pequenas. “*Para que a existência não colapse/ é preciso seguir cantando*” são os versos finais do gênese que finalizam o processo de criação em reticências, ponderando que – enquanto ainda se escutar passarinhos cantando (e se cantar junto com eles) – haverá um mundo para testemunhar a canção.

## II. POIESIS

O imaginário do mito é a língua, uma língua franca que expressa o básico sobre nossa humanidade mais profunda (CAMPBELL, 2017, p. 49).

Partindo do útero escuro e quentinho, o ente (mundo ou criatura) – movido pelo desejo – busca o respiro fora do ovo, como na Teogonia, que depois de fazer alusão ao Caos, parte a dizer:

Somente depois surgiram: Geia, de amplo seio, sólido sustento de todos os imortais que habitam o cume nevado do Olimpo, o tenebroso Tártaro, nas profundezas da terra de vastos caminhos, e Eros, o mais belo dos deuses imortais, aquele que enfraquece os membros, dominando o espírito e a vontade prudente no íntimo de todos os deuses e de todos os mortais (HESÍODO, 2017, p. 30).

Portanto, do Caos do vazio, surgem a Vida, a Morte e o Amor, então entrelaçados pelo Tempo, nascido do ventre da Vida – que depois parte a comer os próprios filhos. Pegando emprestada a estrutura mítica da cosmologia grega, dentro da mitopoiese individual que embarco nesse projeto artístico, assim que a música quebra os limites do silêncio, surgem essas forças cosmogônicas, sempre numa coreografia dialética entre si para escrever os versos do poema que sopra espírito nas coisas inanimadas.

Ainda que boa parte das pessoas tenha uma voz, a maioria não conhece os horizontes de seu alcance. Desde cedo, nos ensinam a moldá-la para caber num pedestal arquetípico que não abre espaço para o timbre correr pelas pradarias do mundo. Escrita num período de ruptura e vazio, minha mitopoiese tem o objetivo de testar os limites vocais para ver até onde o eu atinge. Canto: *“na extensão do silêncio/eu me escrevo/as linhas da pele/datilografadas na subida das montanhas”*, e assim, o corpo vira o mundo que se descobre pelo poema. O processo começa ao notar que as paredes do mapa que diziam ser “o fim do mundo” eram arbitrarias. A Terra é redonda, não há linha de chegada. Mas o que resta além desses muros é o mistério (prestes a ser conhecido pela voz em reverberação). A canção continua com: *“somos mundos/morrendo para nascer/numa palavra”*, introduzindo a Morte para a Vida, dois amantes inseparáveis que, ao se tocarem pelo gesto e pela palavra, mantém a rotação do ciclo benzido pelo Tempo.

Então, ao nascer, como um bebê, lamenta ao encontrar a realidade bruta do mundo, paradoxal em seu horror e encanto. A voz, na gravação, passa por uma ruptura num longo suspiro para voltar a cantar: *“dói muito nascer/passar a ser/a partir de um nada/era fácil o escuro do vazio na minha casa”*. Porque a não-existência, um longo hiato, é mais fácil por escapar do atrito do mundo de polaridades, ainda que, ao descansar fora do tempo, perca a oportunidade de conhecer a si por meio da dor e da beleza, como continua: *“o abraço fora do tempo/olhos nunca abertos/para contemplar o sol se pôr”*.

Ao passo que, ancorado na ontologia da existência, o ser (sozinho) espera companhia, até então tendo que se contentar com a experiência de si, como segue a canção: *“até surgir um*

*outro alguém/fico só*”, encontrando ninho para a expressão apenas no eco que segura um espelho para o canto, como continua em: “*o eco/das galáxias/que acolhe a minha voz*”.

Bebendo da linguagem mítica dos contos de fadas, a canção segue repetindo a expressão “era uma vez”, três vezes, para culminar na descoberta daquilo que já jazia dentro da primeira semente:

*o fim é o início*

*o mundo é um vício*

*espiralar*

*uma tela erotizando a tinta*

*um poema*

*um poema*

*um poema*

*um poema.*

### III. EROS

A presença do querer desperta em quem ama a nostalgia da totalidade (CARSON, 2022, p. 56).

Como uma flor que desabrocha, o mundo abre as pétalas para ser conhecido por meio do Amor. Muito mais do que um amor romântico (*Eros*, filho de Afrodite), ou *Philos* (ternura e respeito), o amor aqui é a força cósmica nascida junto da terra, como diz Parmênides em consonância com Hesíodo, citado no Banquete: “Antes de todos os deuses ela concebeu Amor” (PLATÃO, 2017, p.31).

A canção do amor começa dizendo que: “*o amor é a areia/na pálpebra/a casa na sola do pé*”. Fazendo alusão à figura mítica germânica do *Sandman*, a areia na pálpebra é a chave que permite o sonho, as asas que levam o sono para o mundo onírico. Da mesma forma, o amor também é o aterramento dos pés, tornando a experiência quase como uma árvore, composta de raízes que adentram as profundezas da mesma forma que busca o céu nas folhas da copa.

Dentro de uma dialética paradoxal, o amor é tanto expansão quanto limite. É o gatilho que atíça o anseio de construir pontes, como diz a canção: “*é o abismo que chama/o corpo a pular/um abraço composto/de lágrimas*”. É a falta, o ímpeto, o anseio, e o beijo que, por instantes, o sacia. Para Anne Carson, “Eros tem a ver com fronteira. Ele existe porque certas

fronteiras existem” (CARSON, 2022, p. 55), e é no limbo entre continentes, que ele treme o corpo em busca da bem-aventurança, da experiência estética e sensorial de afirmação da vida.

De uma forma irracional e inefável, o amor é vivido e explicado como a verdade por trás de todo véu, como diz: “*o amor é o poema/debaixo do chão/e a nuvem que troca de forma/os vincos de folha/marcados na mão/e o repuxo suave da escolha*”. Uma verdade tanto atemporal quanto fluida, presente na assinatura de cada coisa. O motivo de tudo, um patuá de lembrança, a resposta que canta sem nada dizer.

Como uma chave que abre as portas da percepção, a canção segue: “*o amor é o motivo/o cosmos no grão/a sereia que canta aos céus/é um beijo do sol/na copa de um ipê/é a voz de rio/fluindo por você*”; estabelecendo uma relação recíproca entre todas as coisas pautada no *ethos* do amor. No fim, termina com: “*as reticências que seguem/o ponto de interrogação/o remédio para o medo/o lar da emoção*”; finalizando a canção com a ideia de que – quando tudo se finda e o universo fica suspenso em reticências, o amor é a única força que mantém a liga da memória entre o que se foi e o que permanece.

No poema que acompanha a canção, o último verso culmina na questão condensada em simplicidade: “*eu te amo/é isso*” – dispensando o uso de grandes aparatos intelectuais para justificar a experiência estética do afeto ao aceitá-la como suficiente em sua *qualia*<sup>2</sup>.

#### IV. ZOÉ

Então o velho mito bíblico se inverte, a confusão das línguas não é mais uma punição, o sujeito chega à fruição pela coabitação das linguagens, *que trabalham lado a lado*: o texto de prazer é Babel feliz (BARTHES, 2015, p. 8).

Não há forma de contornar a afirmação de que a existência como fenômeno é caótica. O mundo, já instaurado, é um banquete para os sentidos, estranho, insano, imprevisível. Partindo daí, a canção Zoé interpreta a vida como uma manifestação de paradoxos. Ela começa: “*deslumbrante estímulo/o corpo já deitado ao ser/delineado, composto/de células*”, tendo a primeira reação de encantamento ao notar a existência já posta à mesa, material, atizando o corpo e os sentidos com uma experiência de *deslumbramento*.

Ela segue: “*sólido/mental/insano/vivo/morto/circular*”, explorando as diferentes modalidades fenomenológicas em que a realidade se apresenta, exprimida em tríades contraditórias. Primeiro: sólido, mental, insano – argumentando que a existência é tanto um fenômeno material quanto uma ideia concebida em narrativas mentais, para então ir além da

<sup>2</sup> Em termos gerais e filosóficos, os *qualia* se referem ao conhecimento adquirido pela experiência. Eles estão cientificamente e comumente relacionados ao conceito de consciência e trazem questionamentos sobre o problema da relação corpo-mente, ou entre o material e o espiritual (JORGE, 2007, p. 1)

dualidade e plantar a dúvida ao chamar o mundo de insano, que transcende os limites da lógica com sua atitude surrealista. Depois, segue com: vivo, morto, circular – composta de inícios, fins e também, de ciclos que se repetem e fazem a roda girar sem empacar numa estase.

Depois de se afirmar desse jeito, a canção segue: “*primavera, outono/verão, inverno/o gelo canta na pele/a marca daquilo que existe/existe, existe/existimos/é isso então?/uma pergunta que se prolonga/sem resposta/a ausência de explicação*”; trazendo o foco para a sensorialidade corporal e mundana, o sentido que brota na fisicalidade das coisas, assim como o ponto de interrogação contínuo que não deixa de acompanhar cada pegada. Então, a canção termina ao exaltar na letra a beleza dessas oposições, tragédia, beleza, nirvana, dor, tudo junto e misturado na vida sem se anular.

## V. HYSTERA

O imperativo à individuação, portanto, nunca chega a um remanso definitivo em que se possa dizer: “Acabou-se”. Trata-se de uma obra contínua que nunca chega ao fim, nunca se conclui (STEIN, 2015, p. 27).

Para findar a empreitada, voltamos à onde tudo começa. O ventre, o útero. Como diz o poeta T.S. Eliot, “Não cessaremos nunca de explorar/E o fim de toda nossa exploração/Será chegar ao ponto de partida/E o lugar reconhecer ainda/Como da primeira vez que o vimos” (ELIOT apud RIBEIRO, 2017)

A canção diz: “*volto ao ventre/como quem morre para viver*”, estabelecendo a criação dentro de um ciclo perpétuo de nascimentos e mortes, todos entrelaçados entre si. O fim é apenas uma convenção linguística humana para enviar a morte à matriz entrevidas de onde surgiu a primeira semente em *gênesis*.

Ela segue “*o corpo ainda quente/uma memória que não se perdeu/o útero me espera/com estrelas e adeus*”, tateando o processo de retorno à fonte, quando, ao dissolver-se, a entidade se funde com o cosmos para ser rearranjada em vida novamente quando as condições forem propícias. Como na concepção budista: “Quando as condições são suficientes, os fenômenos se manifestam. Quando as condições deixam de ser suficientes, os fenômenos desaparecem. E esperam o momento certo para se manifestarem de novo” (HANH, 2020, p. 14).

Numa alusão à metempsicose, a canção segue: “*com uma promessa/e um novo nome/minha fome/é virar deus*”, situando o dito espírito numa poética de transmigração, que,

após as repetidas mortes, vai trocando de corpo, trocando de nome, conhecendo o mundo por diferentes olhares até ter visto tudo e se tornar tudo. Segue: “*morta/morta/morta/sumida em espiral/dançando raízes/numa história imortal/troca de palavras/troca átomos/e cor/ o que não muda a forma/pelo tempo/é amor*”, e assim, a canção retorna ao princípio de *eros* como única faísca que permanece ao longo dos ciclos de morte e nascimento, terminando no mesmo ponto que levou o primeiro gênesis, o impulso inicial de expansão que iniciou a odisseia que começa e termina indefinidamente.

## PARTE II: MITOLOGIA CRIATIVA

No contexto de uma mitologia tradicional os símbolos apresentam-se em ritos socialmente preservados, pelos quais o indivíduo deverá experimentar, ou simular ter experimentado, certas percepções, sentimentos e compromissos. No que chamo de mitologia criativa, por outro lado, essa ordem se inverte: o indivíduo tem uma experiência própria – de ordem, horror, beleza, ou até de mera alegria – que procura transmitir mediante sinais; e se a sua vivência teve alguma profundidade e significado, sua comunicação terá o valor e a força de um mito vivo – obviamente para aqueles que a recebem e reagem a ela por conta própria, com empatia, sem imposições (CAMPBELL, 2010, p. 20)

Para Joseph Campbell, a função mais vital de uma mitologia é ajudar o indivíduo a caminhar em consonância consigo mesmo, com a sua cultura, com o universo e com o mistério inominável. Numa sociedade carente de vínculos religiosos atualizados e vivos, os artistas ocupam um espaço ilustre na criação de narrativas que concedam um mapa para guiar os passos no caminho da vida e da busca pela experiência do que ele chama de *bliss*, ou bem-aventurança.

Como uma epifania que se estende para além do criador (ou intermediário), um mito fundado na contemporaneidade é a continuidade de uma tradição criativa que mantém pulsante o encantamento perante o mundo, seja qual forem as palavras usadas para tal empreendimento (ou outros estímulos sensoriais). Aqui, me refiro a artistas para além de escritores, convocando os mais diversos instrumentos para a operacionalização de uma cosmogênese. A voz, as cores, os elementos naturais, o corpo, a dança, os sons; tudo que apela aos sentidos para dar corpo ao invisível entra dentro dessa categoria, superando a supremacia eurocêntrica da palavra escrita como auge da expressividade.

Como diz a epígrafe deste subcapítulo, o início de um mito criativo vem de uma experiência existencial individual – sublimada na sensação de “*é isso!*”, ou, ao contrário, na experiência de vazio que antecede a busca por esse encontro. Então, depois desse orgasmo

vital, o artista mitopoético define a intenção de estruturar em linguagem o vivido, oferecendo um corpo ao *insight* de sentido. No meu caso pessoal, o anseio veio de uma ruptura no meu senso de identidade, gerando um abismo povoado de ansiedades e questões existenciais. Deparada com esse espaço vazio, me pareciam haver duas possíveis soluções. A primeira seria buscar uma mitologia pronta para sustentar os ossos que manteriam o meu corpo de pé, bebendo da fonte de uma suposta verdade encontrada por meio da experiência de outra pessoa. A segunda opção, mais alinhada com a minha atitude artística, seria inventar uma ideia nova, *minha*, derivada de caminhos alheios mas tornada singular pelo esforço poético.

Quando comecei a elaboração do projeto, há um ano atrás, as minhas ideias sobre a narrativa estrutural do trabalho eram completamente diferentes, nutridas por uma realidade externa distinta. Ainda assim, algumas coisas se mantiveram ao longo do tempo, sustentadas por uma atmosfera referencial vinda de algumas obras que inspiraram o projeto, como o manuscrito *Corpus Hermeticum* e as obras de William Blake.

Nenhuma obra de arte vem do nada, mas se estende para trás numa genealogia de ideias que finca raízes em outros autores, criações e contextos. No caso de *Mythopoesis*, a construção molha os pés na tradição ocultista e hermética do que é comumente denominado de “esoterismo ocidental”. Pegando emprestado imagens como alquimia, correspondências e ciclos não-lineares do tempo, tentei engolir esses conceitos para então regurgitá-los com o meu DNA poético, incluindo as tantas referências que nutriram a formação do meu olhar mas que permaneceram invisíveis por não terem relação direta com o texto em si.

## CONCEPÇÃO DAS CANÇÕES

O desenvolvimento das canções foi dividido em duas partes. As letras foram escritas em improviso, surgidas como brincadeira de linguagem ao longo de processos manuais de colagem. A raiz da parte musical (melodia e partes da harmonia), por sua vez, também foi feita por mim, experimentando com as palavras colocadas em som, para depois serem arranjadas pelo compositor Daniel Anthony, que toca o violão nas faixas entregues.

O desenvolvimento musical teve um aspecto bastante intuitivo, sem grandes pensamentos por trás da estrutura sonora para além de um exercício de sentimento e experimentação. No entanto, o que teve foi uma busca sensorial por notas e acordes que se encaixassem na proposta filosófica da letra, oferecendo uma cama sonora que não machucasse as costas dos versos cantados e declamados.

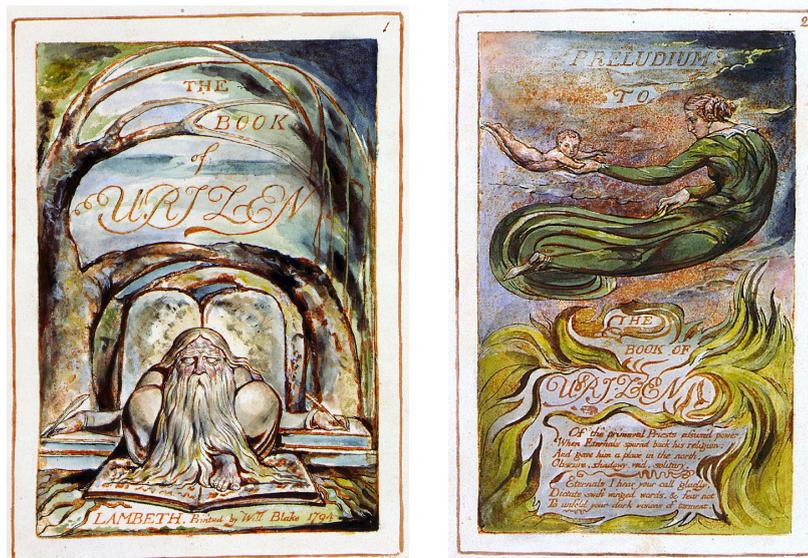
O planejamento a longo prazo do projeto, por sua vez, inclui um trabalho mais minucioso nas canções, com o auxílio de outros músicos experientes, uma produtora musical e o desenvolvimento de partituras e arranjos mais complexos, trabalho que não tive experiência e conhecimento para realizar sozinha durante o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso.

## REFERÊNCIAS MITOPOÉTICAS

Como referências de criação de universos mitopoéticos, trago como inspiração a obra de William Blake e Hilma af Klint, dois artistas que beberam de fontes ocultistas e que conceberam um sistema filosófico com base na sua própria visão artística das experiências vividas.

Considerado por muitos um profeta visionário, William Blake foi um poeta, pintor e tipógrafo inglês nascido em 1757, conhecido por suas crenças místicas e atitude romântica. A obra que tomei por referência para este trabalho foi o *Livro de Urizen (1794)*, poema épico que dá início à gênese mítica de Blake que continua em trabalhos como *Casamento do Céu e Inferno*, *Livro de Ahania* e *Livro de Los*. Ainda que não tenha me inspirado diretamente no conteúdo do texto em si, o que trouxe de Blake para o meu trabalho foi a atitude poética de retrabalhar um mito tradicional para fazê-lo caber dentro de um escopo que faça sentido dentro das próprias crenças e experiências pessoais, se utilizando da poesia e da pintura para expressar uma ânsia espiritual de criação.

As figuras inseridas abaixo são as duas primeiras páginas do *Livro de Urizen*, escrito à mão e pintado pelo autor. Dentro da minha obra, tentei incluir o uso de imagens com textos colados artesanalmente, e um exemplo de escrita à mão, com figuras trazidas de livros antigos sobre alquimia, tradição familiar ao autor mencionado.

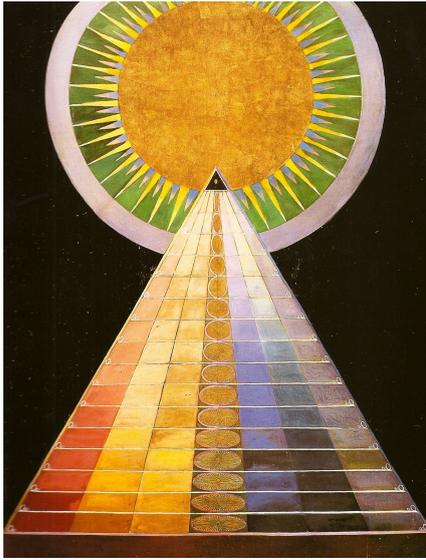


Livro de Urizen, William Blake, 1794

A outra referência, Hilma af Klint, pintora sueca nascida em 1862, é considerada uma das pioneiras da arte abstrata. Depois da morte de sua irmã mais nova, em 1880, Hilma voltou-se ao espiritualismo, num anseio de unir tradições místicas ocidentais e orientais que estavam em voga nos círculos artísticos que ela frequentava durante o século XIX. Dentro desse ímpeto, fundou um grupo de sessões espíritas com outras quatro mulheres, chamado de *De Fem*.

Juntando experiência no que considerava ser um canal de comunicação com espíritos e anjos, Klint, que frequentou a Academia Real de Artes de Estocolmo, começou a pintar quadros proféticos, que, segundo ela, foram ditados por seres de mundos astrais. A série de quadros “As Pinturas para o Templo” contém 193 pinturas que representam desde a criação do mundo até a exploração conceitual de diferentes partes da existência por meio de imagens.

A relação de Hilma com Mythopoiesis parece mais direta do que a de Blake, ainda que se encontre dentro de uma outra modalidade artística. Talvez seja um parentesco atmosférico, um tanto invisível, mas quando olho para as sequências de quadros de Klint, sinto que é como se estivéssemos cercando a mesma coisa, ainda que com linguagens diferentes, tentando orbitar o mistério perto o suficiente para que ele vaze um pouco de seu néctar e possamos (com muita dificuldade) tentar traduzi-lo para alguma forma de arte.



Hilma af Klint, Sem título #1, 1915



Hilma af Klint, Grupo X, No. 2, Altarpiece, 1915

### 3 MYTHOPOIESIS



*A eternidade vive enamorada dos frutos do tempo*

*William Blake*

### Prefácio

Esta amálgama poética nasceu do esforço de me nascer, já corpórea. De versos construídos como tijolos de uma casa-corpo-mundo, vamos caminhar de pés descalços por explosões de estrelas e assim, molhar os pés de tinta, com arte vinda do futuro e do passado.

Pelo puro prazer de inventar, é uma ode ao escape de *logos* para voltar ao *mythos*, imaginação simbólica cuja falta deixa um vazio dentro de cada olho sedento por histórias benzidas no tempo do sonho.

*allons-y?*

### 3. MITTEL : CONIUNCTION .

IGNIS.

AERIS.

- (1) Verum sine mendacio, certum et verissimum:
- (2) Quod est inferius est sicut quod est superius, et quod est superius est sicut quod est inferius, ad perpetranda miracula rei unius.
- (3) Et sicut omnes res fuerunt ab Uno, mediatione unius, sic omnes res natae fuerunt ab hac una re, adaptatione.
- (4) Pater ejus est Sol, mater ejus Luna; portavit illud Ventus in ventre suo; nutrix ejus Terra est.
- (5) Pater omnes Telesmi totius mundi est hic.
- (6) Vis ejus integra est, si versa fuerit in Terram.
- (7) Separabis terram ab igne, subtile a spisso, suaviter, cum magno ingenio.
- (8) Ascendit a terra in coelum, interumque descendit in terram et recipit vim superiorum et inferiorum.
- (9) Sic habebis gloriam totius mundi.
- (10) Ideo fugiet a te omnis obscuritas.
- (11) Hic est totius fortitudinis fortitudo fortis: quis vincet omnem rem subtilem omnemque solidam penetrabit.
- (12) Sic mundus creatus est.
- (13) Hinc erunt adaptationes mirabiles quarum modus est hic.
- (14) Itaque vocatus sum Hermes Trismegistus, habens tres partes philosophiae totius mundi.
- (15) Completum est quod dixi de Operatione Solis.

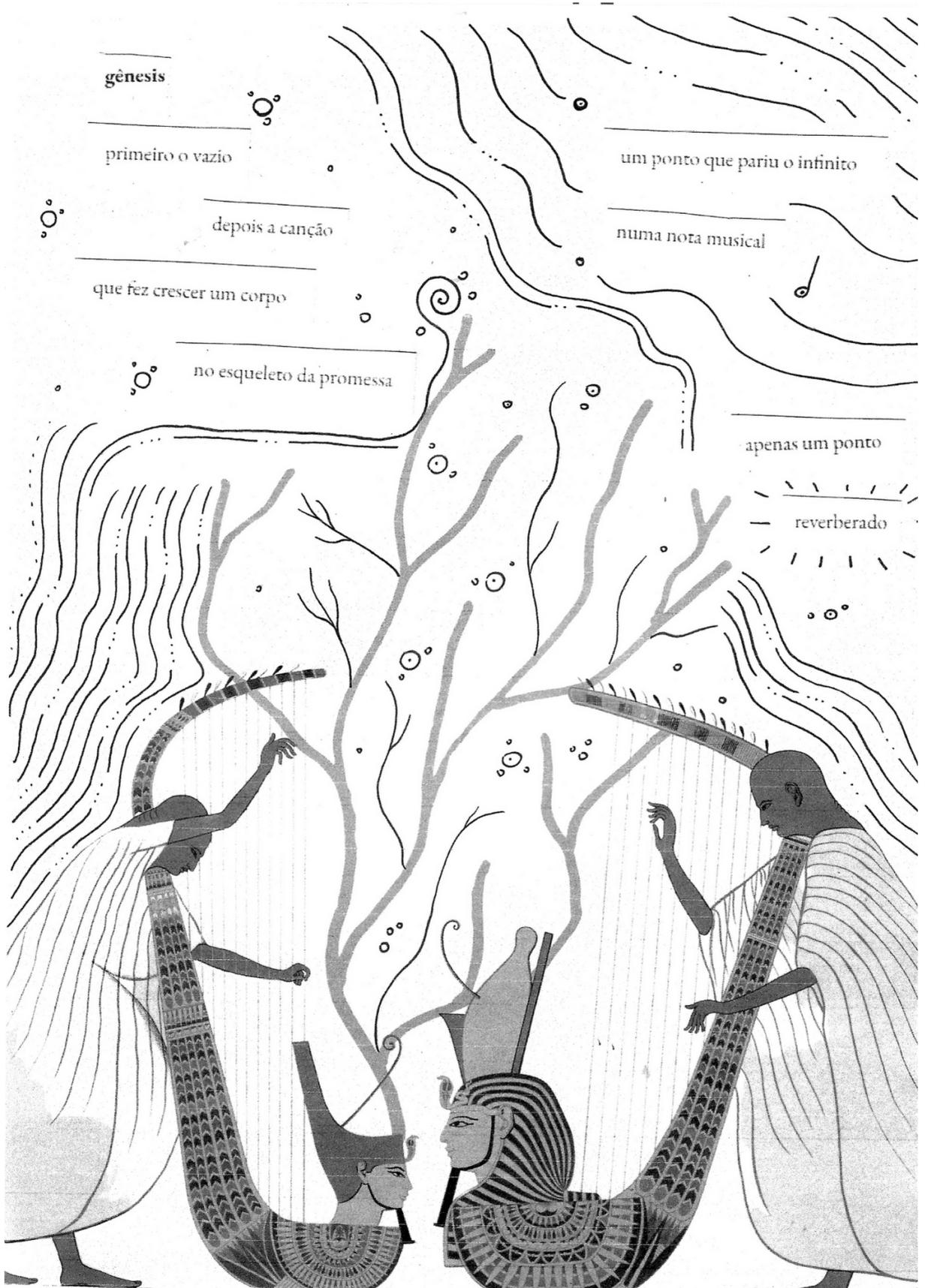
AQVA.

TERRA.



gênesis





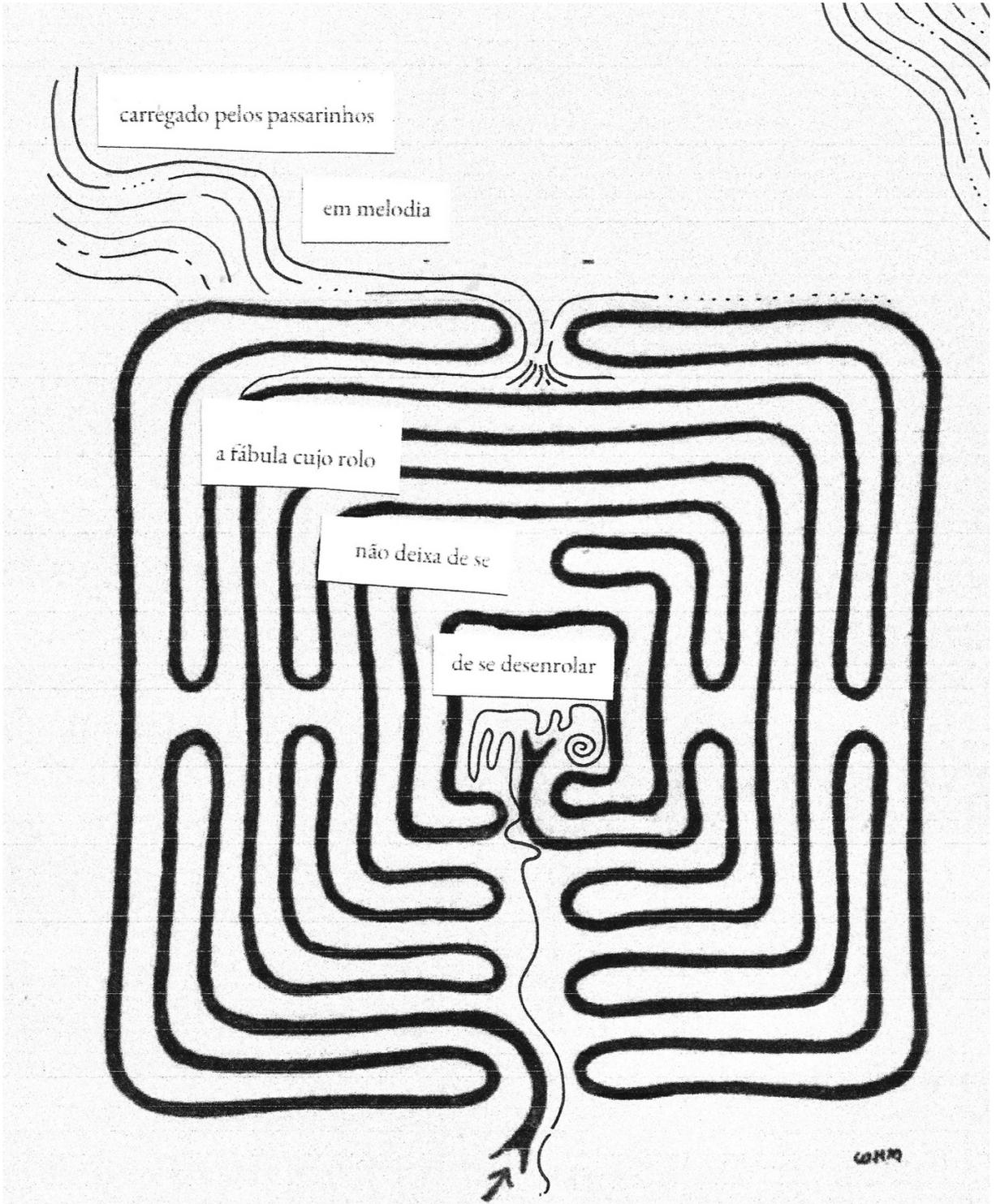


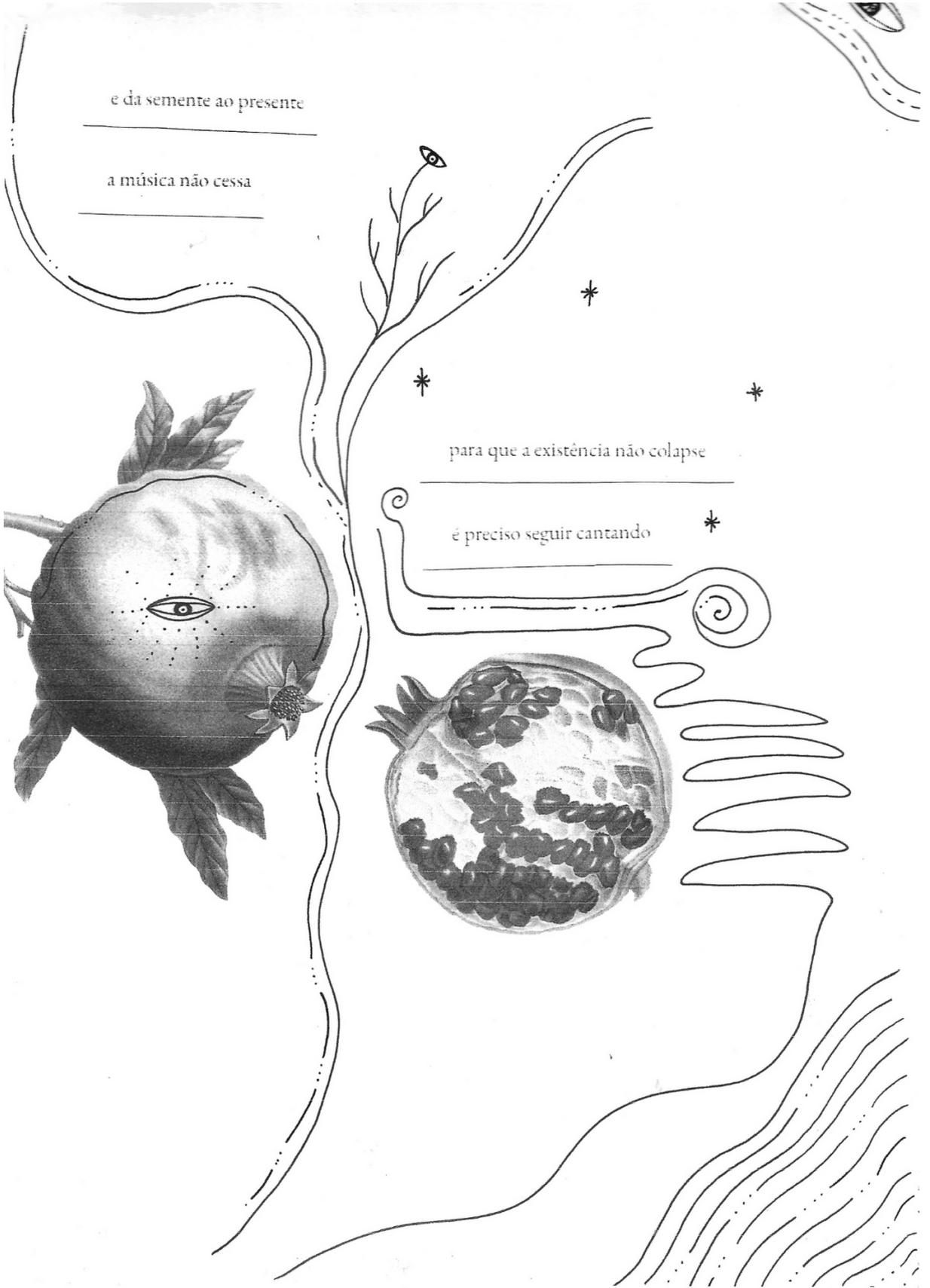
FIG. 62.—“ Mizmaze,” St. Catherine’s Hill, Winchester. (W. H.

e da semente ao presente

a música não cessa

para que a existência não colapse

é preciso seguir cantando



descasco as paredes da pele  
em busca de uma canção  
enterrada embaixo de todo enfeite –  
a semente da cebola

o ponto-início  
quando o espelho passou a dizer meu nome  
cinco pares de dedos  
em alfabetização  
e um big bang na íris do olho

uma pessoa  
uma pessoa  
parece óbvio mas não é

inaugura o tempo  
num corpo-relógio

uma pessoa, ainda embrião  
contida na casca  
antes de implodir galáxias

uma pessoa, um milagre  
uma ficção  
uma palavra

uma pessoa,  
estou aqui.

Eu não sei como vim parar aqui. Fui jogada a esmo num corpo que anseia por palavras de conforto, um coral de células que canta incessante

por que?

por que?

por que?

Por isso mesmo que retraço genealogias, talvez a resposta esteja no primeiro silêncio, antes de o cosmos desabar em som. Alguém mais lembra? Alguém sequer se importa? Talvez o vazio possa curar o meu vazio, virando a carne do avesso e expondo o buraco ao céu. Quero acreditar em deuses que caíam dentro de mim como uma cachoeira. Se eles não existem, eu os invento. Pronto. Tudo resolvido. Trago o que é interno para fora de forma que uma entidade chore nas minhas entranhas.

Aqui estou, mundo. Me encontre.

poiesis



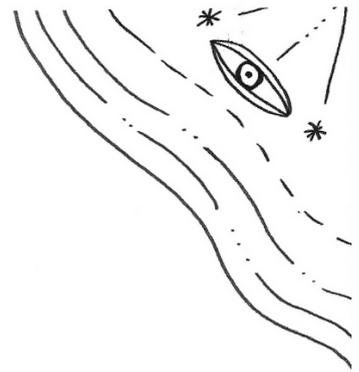
na extensão do silêncio

me escrevo

as linhas da pele

datilografadas

na subida das montanhas



somos mundos

morrendo para nascer

numa palavra



(fala chorada)

dói muito, nascer

passar a ser

a partir de um nada

até surgir um outro alguém

fico só

o eco

das galáxias

que acolhe a minha voz

era fácil

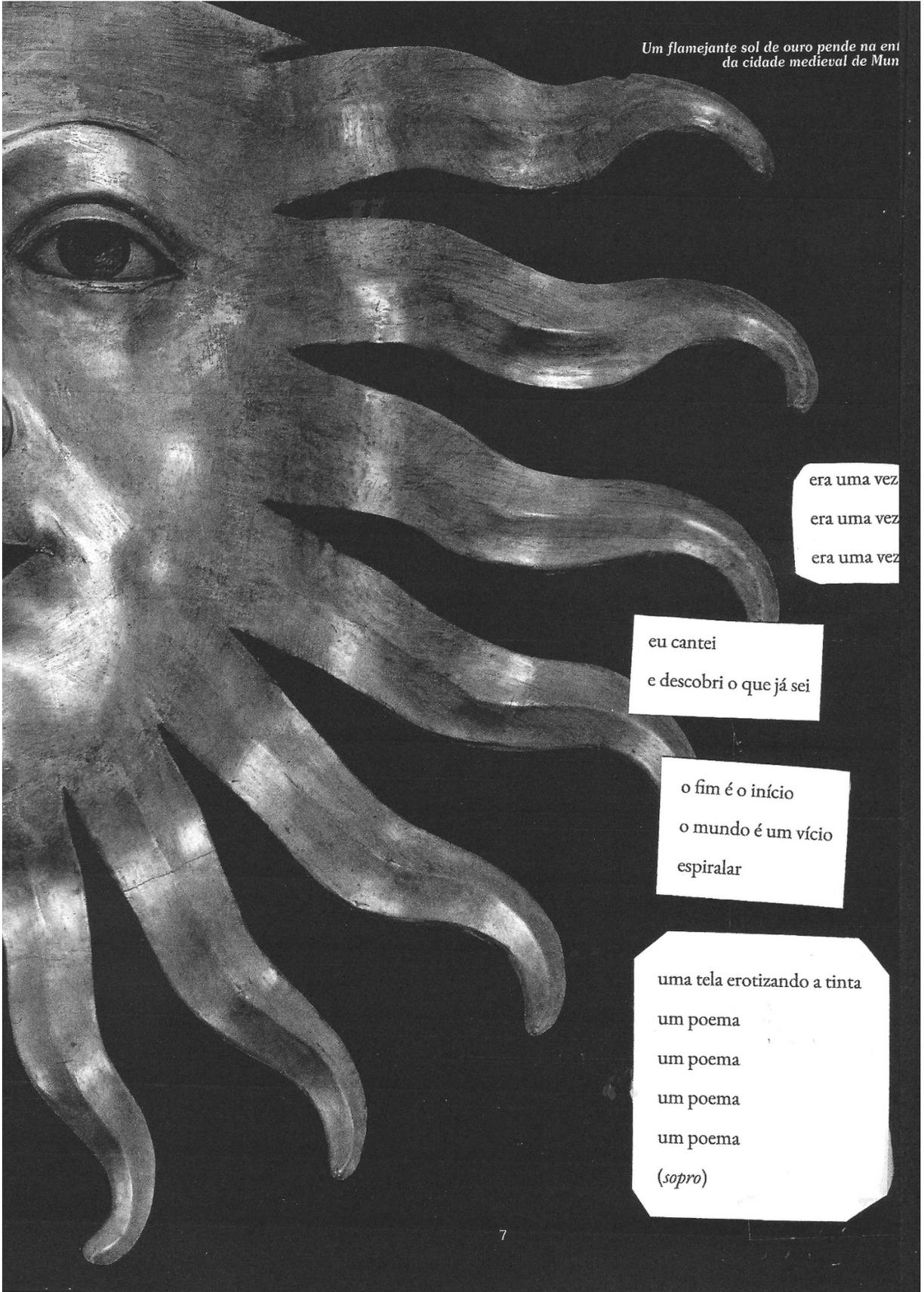
o escuro do vazio

NA MINHA CASA

o abraço fora do tempo

olhos nunca abertos

para contemplar o sol se pôr



Um flamejante sol de ouro pende na ent  
da cidade medieval de Mun

era uma vez  
era uma vez  
era uma vez

eu cantei  
e descobri o que já sei

o fim é o início  
o mundo é um vício  
espiralar

uma tela erotizando a tinta  
um poema  
um poema  
um poema  
um poema  
(sopro)

conjuro migalhas feitas de letras  
nas fendas da caverna  
que me parteja

dia após dia, construindo uma catedral  
de carne e ossos  
de pés e sonhos  
de pedras e asas

um verso incompleto  
um mistério maior que as águas

é tudo uma invenção  
brincadeira de criança  
deuses já perdidos da lembrança  
de ambrosia,  
o olimpo esquecido  
do ventre de cronos

escrevo, escrevemos  
ao pisar o pé no chão e rir  
e chorar  
e amar  
e temer

tatuamos as costas de atlas  
sem querer e partimos continentes  
cantando – era uma vez. (zzzzzzzz)

Todo ato de criação percorre um círculo. Uma pessoa. Uma flor. Um planeta. Girando em torno de si, engatinhando no ar como uma mariposa que busca a luz. A luz é o poema. Não este, escrito em papel e dito em timbre humano. Mas o poema escondido, aquele que alguns chamam de Deus. Ai que presunção, mas não é sobre isso mesmo? Um anseio intrínseco de sentir na pele algo sagrado? Tento construir esse castelo com letras, mas ele ainda me escapa no horizonte. Sempre um passo adiante, quase perto o suficiente para deixar um gostinho na ponta da minha língua. Seguimos. Passo a passo, escrevendo o mundo para fora da ideia. Passo a passo, descobrindo que o poema nunca esteve no fim dos mapas.

eros



o amor é a areia na pálpebra

a casa na sola do pé

o abismo que chama o corpo a pular

um abraço composto de lágrimas

o amor é o poema  
debaixo do chão  
e a nuvem que troca de forma

os vincos de folha marcados na mão  
e o repuxo suave da escolha



o amor é o motivo

o cosmos no grão

a sereia que canta aos céus

é um beijo do sol  
na copa de um ipê

é a voz de um rio  
fluindo por você

as reticências que seguem  
o ponto de interrogação  
o remédio pro medo  
o lar da emoção

o mundo se desabrocha  
como as pétalas de uma vulva

pulsante, sedento ao toque  
treme porque sente deus  
em cada centímetro de pele que se entrelaça

dois dedos entrando numa caverna -  
e o mistério se perfura

não há palavras, mas o verso alcança  
o ventre – é isso  
é isso  
é isso

eu te amo  
eu te amo  
eu te amo

é isso

Quando o medo se nubla atrás da cortina, eis que o mundo se apresenta – *reliquia sagrada*. Cada centímetro é uma prece, quero beijar e cuidar de tudo que é vivo com uma ternura enamorada. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. O destinatário é o ar que corre em todas as direções. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. E é isso.

zoé

deslumbrante estímulo  
o corpo já deitado ao ser

delineado, composto.  
de células

sólido  
mental  
insano

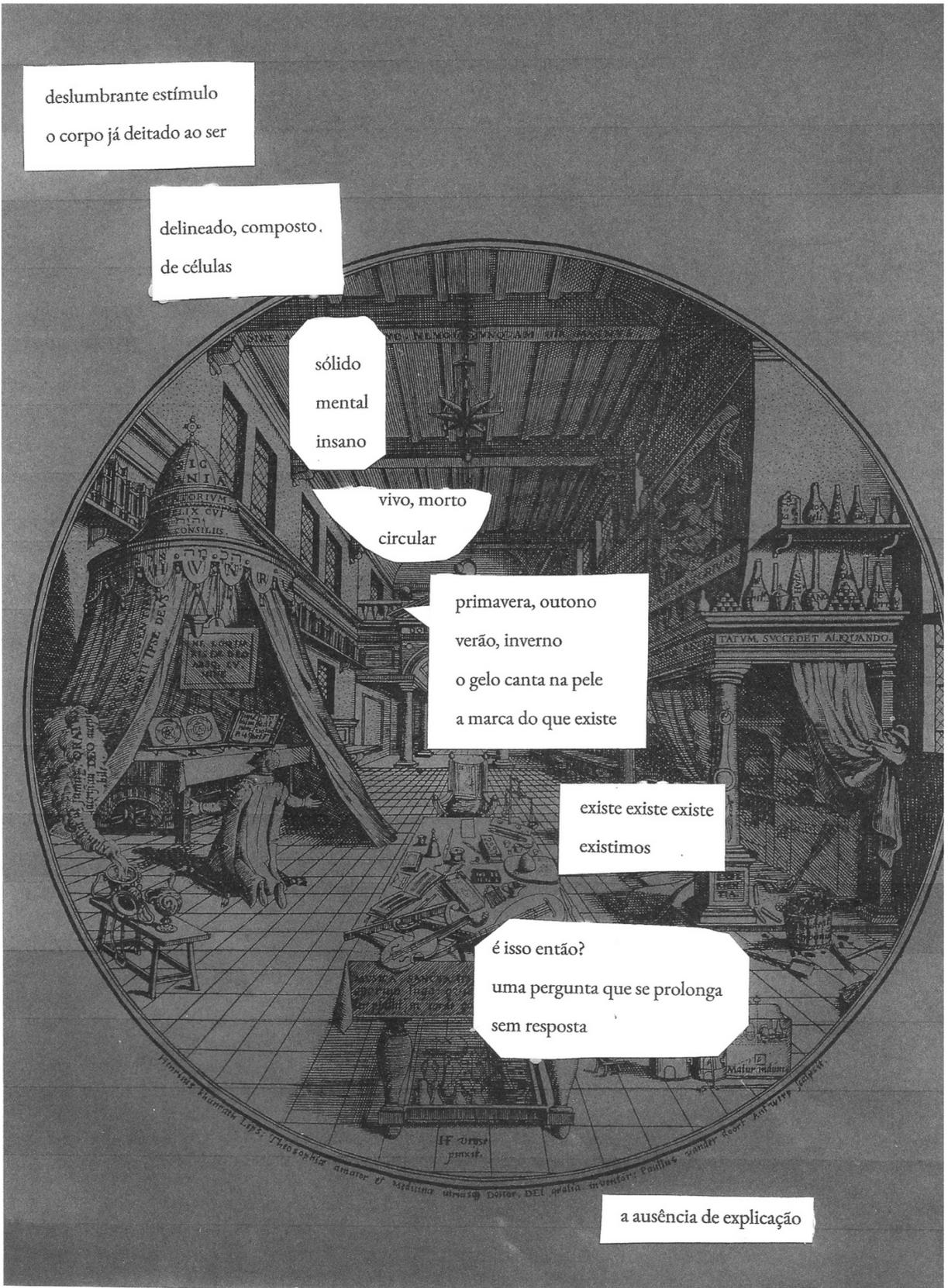
vivo, morto  
circular

primavera, outono  
verão, inverno  
o gelo canta na pele  
a marca do que existe

existe existe existe  
existimos

é isso então?  
uma pergunta que se prolonga  
sem resposta

a ausência de explicação





eis a matéria já posta à mesa  
o sopro feito argila  
o pólen corre ao vento  
o beijo - lambe as flores

eis, a terra pulsante  
entidade que chora  
ao sangue que escorre  
das entranhas

eis o corpo  
amado e ferido  
sozinho em meio à  
raízes

eis a vida, morta  
a morte, viva  
o meio, perdido  
o fim no início

eis, tudo  
a boca que engole o rabo  
o último verso do tratado  
que (ao findar-se)  
parte ao próximo mundo  
e ri – ao virar outra coisa.

O único amor possível é aquele que afirma até a raiz – de corpo aberto. A vida que beija os pés da morte em reverência, o afeto fazendo carícias no rosto do medo. Sim. Um Grande Sim, doído, eufórico, *vivo!* Louco, porque tudo que é normal renega alguma faceta. Pirado das ideias, maluco, insano. O único amor possível é a renúncia de toda a sensatez em prol

### **Da cOisa EstRanha**

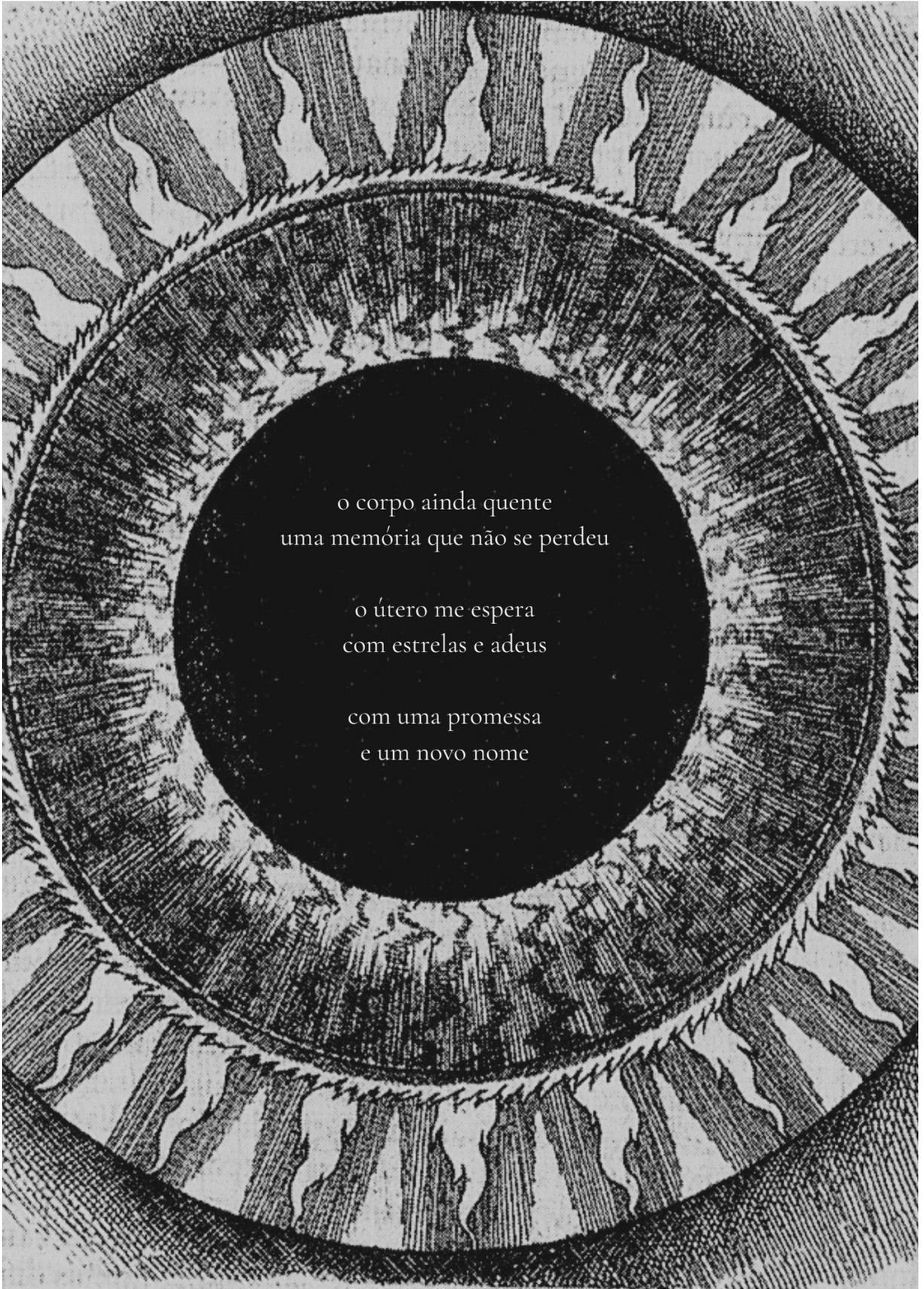
que é QualQuer COIsa sob o CéU

hystera

---



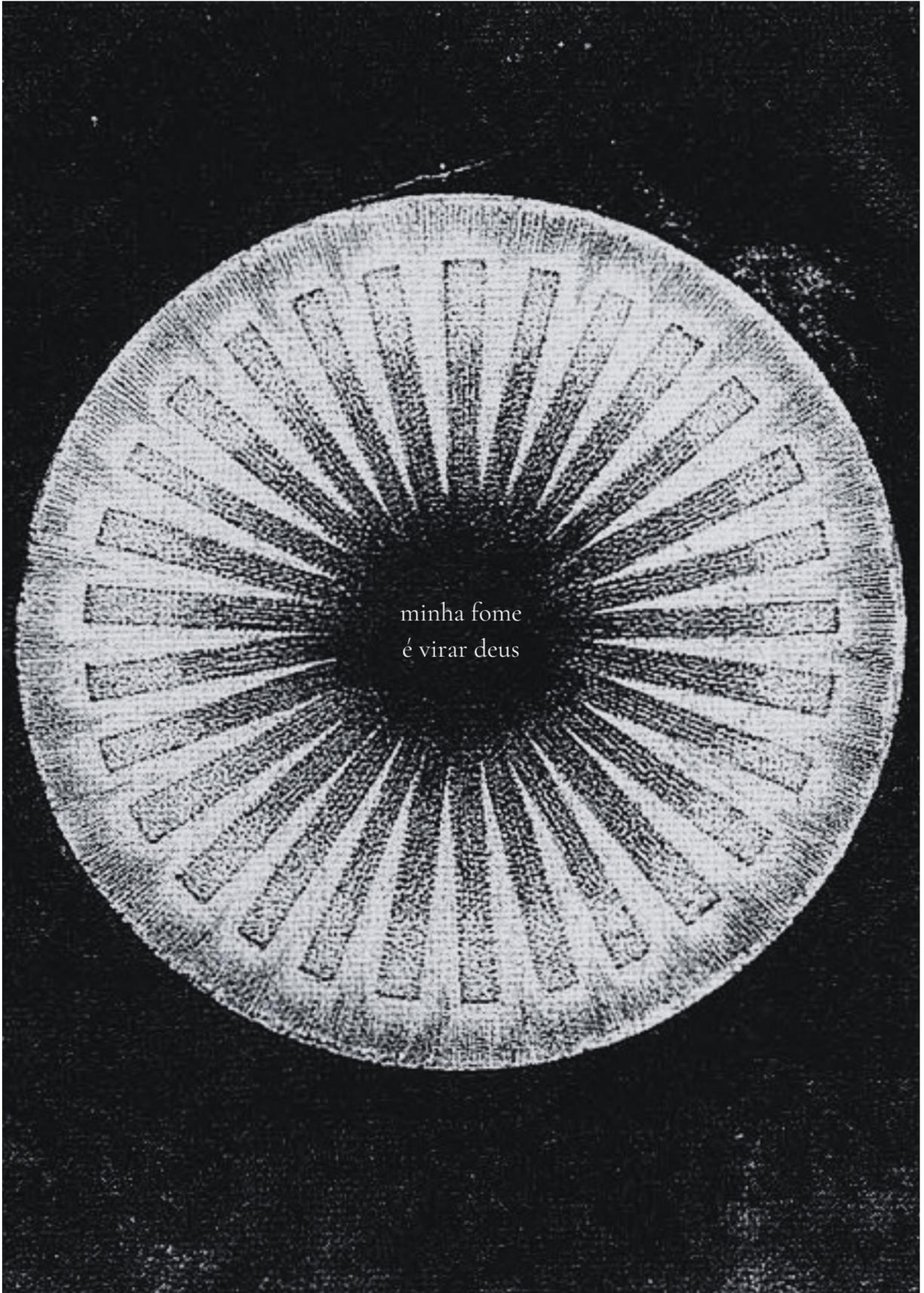
volto ao ventre  
como quem morre para viver

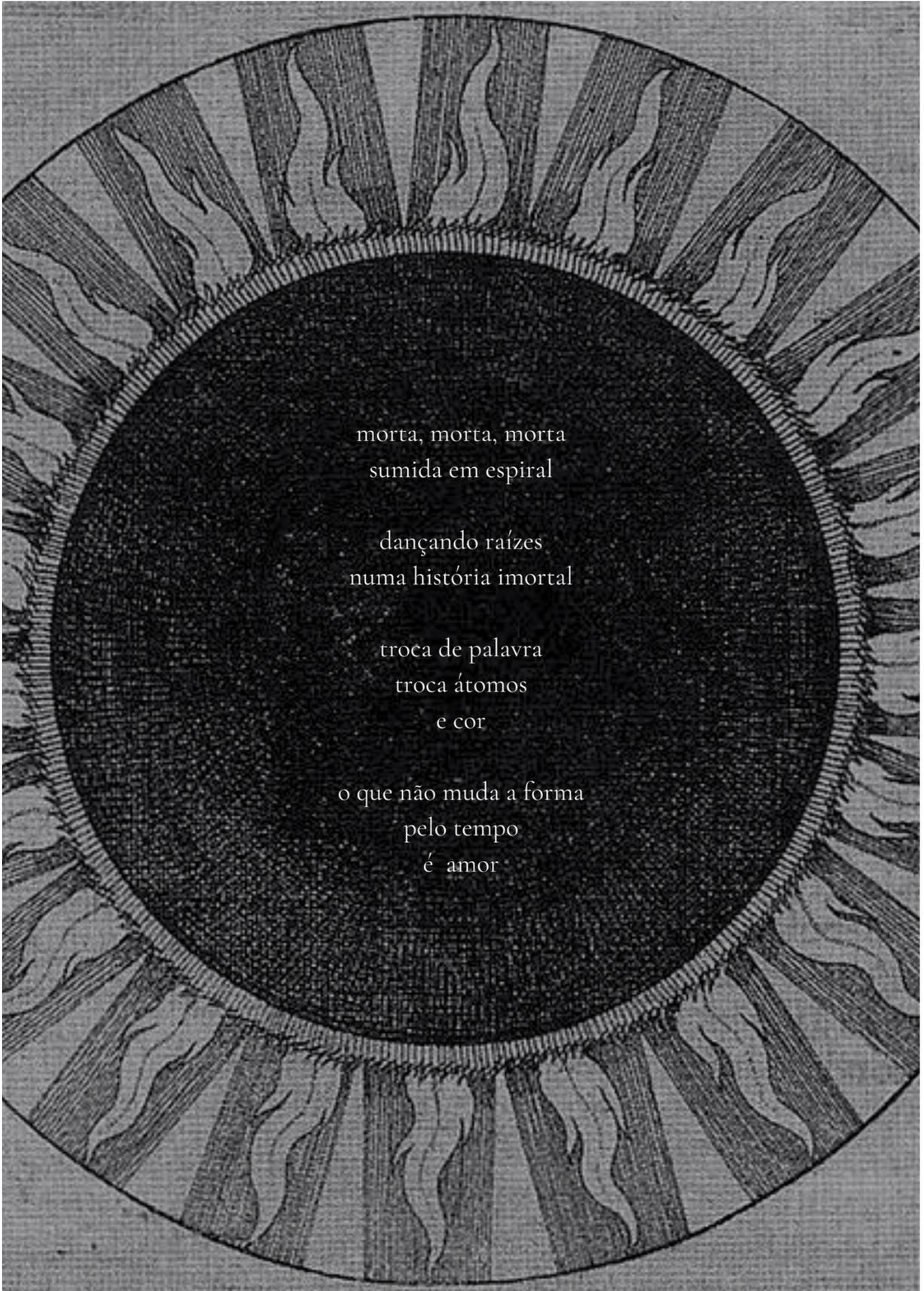


o corpo ainda quente  
uma memória que não se perdeu

o útero me espera  
com estrelas e adeus

com uma promessa  
e um novo nome





morta, morta, morta  
sumida em espiral

dançando raízes  
numa história imortal

troca de palavra  
troca átomos  
e cor

o que não muda a forma  
pelo tempo  
é amor

num ovo – o apocalipse  
descolado do tempo  
um eterno agora

no ponto final – o gênesis,  
contorcido  
girando em torno de si  
como um planeta que orbita o sol

livre – para ser e não ser  
tudo num ponto

(pós) (pré) explosão  
é a mesma coisa

volto, diferente  
mas idêntica

a roda que gira e gira e gira  
e ensaia o fim  
só para começar de novo

e fingir surpresa

fim.



bum!



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS/POSFÁCIO

No fim, todos os mitos levam à fonte de onde vieram – o ventre sem palavras ou lógica que só se conhece pela experiência de encontro. O que agora me mantém o pulso, amanhã pode trocar de rosto, de nome, de corpo, e é esse mesmo sentimento que justifica a necessidade de mitologias vivas e mutáveis: se tudo que existe é marcado pela impermanência, nossas ficções também devem o ser, para acolher a fluidez de identidades que compõe pessoas e culturas.

*Mythopoiesis*, como trabalho de conclusão de curso, foi apenas o primeiro passo de uma caminhada criativa e mitológica. Como um mergulho no oceano do mistério, plantou um ponto de interrogação que segue ecoando em reticências.

Não termino este trabalho com certezas, apenas com brotos de sentido e novas sementes – pronta para buscar solo numa nova clareira que canta aos céus pedindo para virar floresta.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BLAKE, William. **Selected Poems**. 1. ed. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 1994.
- CAMPBELL, Joseph. **Mitologia Criativa**. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2010.
- CAMPBELL, Joseph. **Mito e Transformação**. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2008.
- CARSON, Anne. **Eros: o Doce-Amargo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- FIORE, Julia. How the Swedish Mystic Hilma af Klint Invented Abstract Art. **Artsy**, [S. l.], 12 out. 2018. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-swedish-mystic-hilma-af-klint-invented-abstract-art>. Acesso em: 6 nov. 2023.
- HANH, Thich Nhat. **Sem morrer, sem temer**: Sabedoria confortante para a vida. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.
- HESÍODO. **Teogonia**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora**: Um breve estudo sobre a humanidade. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- JORGE, Ana Maria Guimarães. Qualia e Consciência. **FACOM**, n. 17, p. 55–60, mar. 2007.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MYTHOPOEIA. In: **Oxford Dictionary of Literary Terms**. Oxford: Oxford University Press, 2023. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/oi/authority.20110803100220548#:~:text=The%20making%20of%20myths%2C%20either,the%20writings%20of%20William%20Blake.>>.
- PAZ, Octavio. **A busca do presente**: e outros ensaios. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.
- PLATÃO. **Banquete**. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2017.
- RIBEIRO, L. A. Os 10 melhores poemas de T. S. Eliot. **Jornal Nota**, 2017. Disponível em: <https://jornalnota.com.br/2017/09/25/os-10-melhores-poemas-de-t-s-eliot/>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- STEIN, Murray. **Jung e o Caminho da Individuação**: Uma Introdução Concisa. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2020.

VOSS, J. **Julia Voss on Hilma af Klint**. Bokförlaget Stolpe, 6 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HhxfDUkJF48>>